

REPORTAGEM | AVENTURA

BELAS E PERIGOSAS

texto e fotos Caio Vilela

TRÊS ROTAS PELO ORIENTE MÉDIO QUE RETRIBUEM A TENSÃO DA VIAGEM COM PAISAGENS QUASE SURREAIS



No deserto de Rub Al Kali, marcas de guerra em campo minado



Segurança armado vigia caravana

Conflitos armados entre tribos, ameaças militares internacionais, milícias islâmicas terroristas, terremotos e avalanches... Quem se mantém informado nos dias de hoje provavelmente não se arriscaria nas estradas do Oriente Médio. E perderia belezas dignas das 1001 noites, reservadas apenas para os que se aventuram de carro pela região. O repórter Caio Vilela encarou o desafio. E conta a aventura de percorrer três rotas de encantar os olhos e provocar frio na barriga.

CAMPOS MINADOS NO TERRITÓRIO BEDUÍNO Hadramawt, Iêmen

Foram 1142 quilômetros sobre o deserto de Rub Al Khali, uma estrada que liga Sanaa, capital do Iêmen, ao remoto vale de Hadramawt, no extremo leste do país. Estávamos a bordo de um Toyota 4x4 1986, *made in* Arábia Saudita. O carro foi alugado por dois dias na cidade de Sanaa por intermédio de uma agência de táxis. O dono, Mohamad, prevenido encrenca, fez questão de nos acompanhar. Tínhamos como objetivo chegar a Shibam, uma cidade isolada no meio do deserto, famosa por sua arquitetura islâmica tradicional e edifícios construídos com barro seco.

Durante a viagem, passamos por praias desertas banhadas pelas águas azul-turquesa do Índico e infestadas de tubarões-martelo, segundo nosso livro guia. Outras características mar-



Trecho às margens do oceano Índico no Iêmen (à esq.). Ao centro, Vilela com Mohamad, o dono do Toyota e motorista. Vista da cidade de Shibam, destino final da etapa



REPORTAGEM | AVENTURA



Monte Damavand, com 5671 metros, o mais alto do Irã

cantes da paisagem: dunas móveis e campos minados remanescentes do conflito que resultou na unificação do Iêmen com o Iêmen do Sul em 1990. No caminho, tanques de guerra abandonados, pedaços de fuselagem de aviões e outras sucatas militares eram os únicos elementos que quebravam a monotonia da paisagem. Ao descer do carro para tirar algumas fotos, fui alertado para não pisar fora do asfalto. Minas escondidas desde a década de 70 na região podem estar ativas e ninguém sabe onde elas foram plantadas.

Mas o maior perigo da viagem não reside apenas nos resquícios da guerra civil que assolou o Iêmen por mais de 20 anos. O povo beduíno que habita o deserto não é exatamente hospitaleiro com veículos estrangeiros. Basta citar duas estatísticas: o Iêmen é o país que registra o maior número de armas de fogo por habitante e também o país campeão mundial na categoria seqüestro de turistas. Contratamos um segurança armado com fuzil Kalashnikov para "garantir" a travessia do território dos beduínos. Como na maioria dos países do Oriente Médio, o asfalto é um tapete. Mas a areia que cobre a pista em vários trechos de curvas revelou-se um freqüente perigo, uma vez que basta uma deslizada na hora errada para se envolver em um acidente sério no meio do nada.

Dividindo o volante com o proprietário Mohamad, atravessamos o deserto em dois dias. No "chiqueirinho", nosso segurança viajava dormindo abraçado ao fuzil. Acordava apenas para rezar, junto com Mohamad, que parava o carro e esticava seu tapetinho em direção a Meca três vezes por dia.

Em Chalos Road (acima), a placa de "Estrada em manutenção" é pouco para uma via que é rota de tráfico de ópio e sofre com avalanches. Na cidade de Esfahar, o trânsito é caótico



ENTRE VULCÕES ATIVOS E TERREMOTOS

Chalos Road, Irã

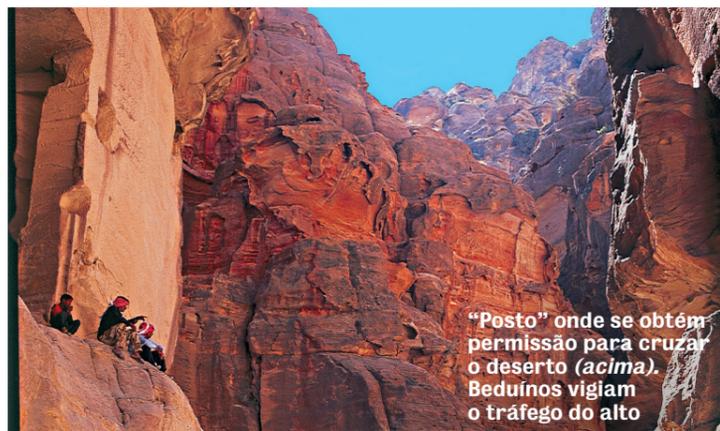
Ligando a capital, Teerã, ao litoral do mar Cáspio, no norte do Irã, Chalos Road atravessa a cadeia de montanhas nevadas Alborz. Em um percurso de 205 quilômetros cinematográficos e traiçoeiros, a estrada de pista única e estreita contorna vulcões ativos e atravessa zonas de risco de avalanche.

Fizemos a viagem em dois dias a bordo de um Paykan, o único veículo produzido inteiramente no país. Parecido com nosso primeiro Corcel, o Paykan tem motor de quatro cilindros e é motivo de piada pelo fato de ser tão obsoleto quanto popular. Quase toda a frota de táxis de Teerã é composta deles, que exibem o mesmo design do início de sua produção, em 1967.

Em duas ocasiões durante nossa viagem tivemos que esperar barreiras de neve serem retiradas do caminho. Na ausência de máquinas apropriadas, a neve foi removida com pás pelos motoristas presos no congestionamento que se formava sob a zona de risco de avalanche. Graças aos freqüentes terremotos, que atingem o país sem aviso prévio, as avalanches são comuns na região. Sabendo disso tudo, aguardar pela desobstrução do caminho foi uma espera tensa.

Para piorar, Chalos é rota de tráfico de ópio. Sem a presença da polícia rodoviária ou de radares de controle de velocidade, a estrada tem uma única regra para quem quer viajar com segurança: trafegar apenas durante o dia. À noite, a estrada é ocupada por um movimento de veículos carregados, que vêm

REPORTAGEM | AVENTURA



“Posto” onde se obtém permissão para cruzar o deserto (acima). Beduínos vigiam o tráfego do alto

da fronteira com o Afeganistão e seguem em direção à Turquia, onde desovam cargas provenientes das mais obscuras origens.

Não bastassem essas preocupações, o Irã tem um dos trânsitos mais perigosos do mundo. Segundo o site de notícias iraniano www.paivand.com, é o país que mais registra acidentes fatais em toda a Ásia. Segundo a agência, 22 000 pessoas morreram vítimas de acidentes rodoviários no Irã no ano de 2003.

O que faz valer a viagem é o visual estonteante dos picos nevados, entre eles o monte Damavand, com seus 5 671 metros de altitude. Outras atrações são a visita ao mar Cáspio e a passagem pelas vilas de pastores, que fazem o viajante se sentir na Pérsia antiga, com seu estilo de vida primitivo.

Como toda estrada no Irã, o asfalto é impecável e a rota está bem sinalizada (apesar de os sinais de trânsito serem escritos em farsi). Outra vantagem é a gasolina, vendida a preços irrisórios no país dos aiatolás.

Heróico e precário, nosso Paykan atravessou o asfalto coberto de neve, desceu inúmeras curvas perigosas e funcionou sem perder o fôlego, mesmo a 4 000 metros de altitude.

PEGADAS DE CAMELOS NO DESERTO

Wadi Rum, Jordânia

Essa estrada atravessa o cinematográfico deserto de Wadi Rum, no sul da Jordânia. A rota inexistente nos mapas, não é asfaltada e não possui sinalização. Com suas formações rochosas bizarras e areias em tons de vermelho, Wadi Rum é uma das paisagens naturais mais famosas do Oriente Médio

A PAISAGEM DO DESERTO DE WADI RUM SE TORNOU CÉLEBRE DEPOIS DAS FILMAGENS DE LAWRENCE DA ARÁBIA



Para se orientar no deserto, apenas dois recursos: pegadas de camelo ou tecnologia do GPS



Milícia beduína em bar de estrada (acima) e o constante trânsito de tanques perto de Ácaba



e marca a divisa do país com a Arábia Saudita. Apesar da beleza, a estrada liga o nada a lugar nenhum. Escondidas no deserto, apenas nascentes de água subterrânea e ruínas de templos dos antigos nabateus justificam o movimento na rota.

Locação das filmagens do clássico *Lawrence da Arábia*, a região é habitada pelas famílias de nômades beduínos desde a Antiguidade e é patrulhada por uma polícia local montada em camelos. Apesar da pouca distância, meros 72 quilômetros, a estrada é cheia de armadilhas. Para atravessá-la é preciso pagar uma taxa de aproximadamente 7 dólares para as famílias de nômades que acampam na entrada do deserto. Quem avança sem fazer essa primeira cortesia é abordado mais tarde com hostilidade pelos nômades na imensidão do seu território – e o viajante acaba por ter que pagar um preço bem mais alto para prosseguir. Outro detalhe: só se pode percorrê-la contratando os serviços de um guia que conhece os caminhos e garante a segurança na aproximação com as aldeias de seu povo. Mas o maior perigo é mesmo se perder e atolar em suas areias. Apenas veículos com tração em “pelo menos” quatro rodas conseguem atravessá-la por inteiro. GPS é equipamento fundamental.

O jipe Toyota, alugado na cidade litorânea de Ácaba, funcionou tracionado em quase todo o trajeto. Levamos quase que um dia inteiro trafegando a 15 km/h para chegar ao outro lado do deserto. Nosso guia beduíno contratado se perdeu diversas vezes. Disfarçando, seguia as pegadas dos camelos na areia do deserto para encontrar o caminho certo, apagado pelo vento forte sobre as areias.

